Dia 11 — São Dâmaso, Papa

Martirológio Romano

São Dâmaso, papa e confessor, em Roma; o qual condenou o heresiarca Apolinário e restituiu Pedro, bispo de Alexandria, que havia sido enxotado de sua sé pelos hereges: achou também muitos corpos de santos Mártires e ilustrou seus sepulcros com epitáfios em verso. (Veja-se sua história hoje.)

O martírio de São Trasão, igualmente em Roma; o qual, porque alimentava de sua fazenda os cristãos que trabalhavam nos banhos e outras obras públicas e os encarcerados, por decreto de Maximiano foi preso e coroado com o martírio juntamente com outros dois chamados Ponciano e Pretextato.

Os santos mártires Victórico e Fusciano, em Amiens, os quais, no mesmo império, por sentença do presidente Ríccio Varo, foram atormentados atravessando-lhes o nariz e as orelhas com argolas de ferro, furando-lhes as têmporas com cravos ardentes, arrancando-lhes os olhos e flechando-os, e desta sorte, degolados juntamente com São Genciano, seu hóspede, passaram ao Senhor. (Os santos Victórico e Fusciano eram dois homens apostólicos que foram pregar a fé às Gálias quase ao mesmo tempo que São Dionísio de Paris. Penetraram até as partes mais remotas daquele reino e por fim fizeram de Thérouanne o assento principal de sua missão. Passando a Amiens, onde Ríccio Varo perseguia os Cristãos com mais que selvagem brutalidade, alojaram-se em casa de um tal Genciano, que desejava ser discípulo de Cristo. Este os informou de que pouco antes São Quintino havia padecido o martírio; e eles foram logo depois presos também com seu caritativo hóspede e todos os três mortos por Cristo pelos anos de 287.)

São Barsabas, mártir, na Pérsia.

Santo Eutício, mártir, na Espanha.

São Sabino, bispo esclarecido em milagres, em Placência.

São Daniel Estilita ou da Coluna, em Constantinopla. (Tendo determinado imitar o modo de vida que havia visto em São Simeão, elegeu um sítio no próximo deserto das montanhas que avançam até o Ponto Euxino, a umas quatro milhas do mar e sete de Constantinopla em direção ao Norte. Ali lhe construíram uma coluna, em cujo remate viveu exposto sem abrigo a fortes ventos e frios cruéis até a idade de oitenta anos. Sem descer dela foi ordenado sacerdote por Genádio, bispo de Constantinopla, e o Santo disse missa no mesmo estreito sítio; e a primeira vez administrou a

comunhão ao Patriarca, como o fez daí em diante muitas vezes de suas mãos. A comida de que comumente usava eram raízes e ervas insípidas, e às vezes passava dias inteiros sem tomar alimento algum. Honrou-o Deus com o espírito de profecia e o dom de milagres. Predisse sua própria morte, a qual aconteceu em sua coluna no ano de 493, tendo-o assistido em seus últimos momentos o patriarca Eufêmio. Três dias antes de morrer ofereceu à meia-noite o santo sacrifício e foi visitado dos Anjos numa visão. Butler.)

São Dâmaso, Papa

São Dâmaso era espanhol de nascimento; não se sabe de que cidade ou província, pretendendo os de Tarragona, na Catalunha, e os de Guimarães, em Portugal, apropriá-lo a suas respectivas cidades; e uma lápide que há na paroquial de São Salvador de Madri o faz natural desta corte. Veio ao mundo pelos anos de 304. Tendo-se estabelecido em Roma seu pai, chamado Antônio, levou consigo sua família, que consistia em dois filhos pequenos: Dâmaso, um, e a outra Irene, mais pequena ainda que seu irmão. Tendo seu pai enviuvado, fez-se clérigo, ordenou-se de leitor; e como era de uma probidade conhecida, de uma piedade exemplar e instruído nas sagradas letras, foi feito diácono e finalmente presbítero da Igreja romana, agregado a uma das paróquias da cidade, que tinha o título de São Lourenço. Nosso Santo foi educado com grande cuidado ao lado de seu pai, o qual, encontrando em Dâmaso um excelente engenho e um coração nascido para a piedade, não omitiu diligência alguma para dar-lhe uma bela educação e para fazer que se instruísse em todas as ciências. Gostava Dâmaso do estudo, mas não tinha menos inclinação à piedade; e assim fez maravilhosos progressos na virtude e nas ciências. A pureza de seus costumes e sua rara erudição conciliaram-lhe a estima de todos. Foi admitido no clero e logo chegou a ser a admiração e o exemplo dos eclesiásticos. Servia na mesma igreja que seu pai, e toda a sua conduta foi de tão grande edificação que era, como o testifica São Jerônimo, o modelo que se propunha a todos para imitar. Era diácono da Igreja romana quando o papa Libério foi lançado de sua cátedra pelo imperador Constâncio pela defesa da fé e da inocência de Santo Atanásio no ano 355. Por poderosos que fossem os Arianos e por mais arriscado que fosse declarar-se pelo Papa, no mesmo dia em que o agarraram para levá-lo ao lugar de seu desterro, Dâmaso obrigou-se com juramento solene diante do povo, com todo o resto do clero, a não receber jamais outro Papa enquanto vivesse Libério. Teve também valor para acompanhá-lo em seu desterro e permaneceu algum tempo com ele em Beroia, na Trácia, onde lhe serviu de muito consolo. Tendo voltado a Roma, teve muito que sofrer dos Arianos, que tinham um partido muito pujante; e a despeito de suas ameaças e de suas solicitações, permaneceu sempre fielmente unido à comunhão de Libério. Tendo voltado este Papa do lugar de seu desterro, serviu-se dos conselhos e da habilidade de nosso Santo em todos os negócios espinhosos da Igreja.

Tendo morrido o papa Libério no ano 366, não se encontrou sujeito mais digno que Dâmaso para ocupar a Santa Sé. Foi eleito pela maior e mais sã parte do clero romano aos sessenta e dois anos de sua idade; e não obstante sua resistência, foi consagrado solenemente na basílica de Lucina, que era seu título. Todas as pessoas de bem manifestaram seu gozo e deram graças a Deus por lhes haver dado um Pastor tão digno e tão a propósito por sua santidade e sua ciência para domar os inimigos da Igreja. Alguns do povo e do clero, cujos costumes estavam tão corrompidos como

seu espírito, não se acomodaram a esta eleição. Um dos principais diáconos da Igreja romana, chamado Ursicino, cheio de uma ambição desmedida, não podendo sofrer que se lhe houvesse preferido Dâmaso, ajuntou uma tropa de sediciosos e de gentes desprezíveis numa igreja de Roma e, tendo subornado a Paulo, bispo de Tivoli, homem grosseiro e ignorante, obrigou-o a que o ordenasse bispo de Roma. Por mais irregular e indigna que fosse esta ação, não deixou o antipapa de formar um poderoso partido, o qual em pouco tempo veio a parar numa sedição e tumulto em que houve cento e trinta e sete pessoas mortas, sem que o Papa tivesse nisso a menor parte, oferecendo-se de todo coração a renunciar ao pontificado, se era necessário para aplacar estas turbações. Mas Juvêncio, prefeito de Roma, enviou desterrado a Ursicino e aos diáconos Amâncio e Lupo, seus principais favorecedores; com o que São Dâmaso ficou tranquilo em sua cátedra. Mas não durou muito a calma. Os do partido do antipapa não cessavam de importunar o imperador Valentiniano para que mandasse que se levantasse o desterro àquele cismático. O Imperador, demasiado fácil, consentiu nisso; mas mal havia chegado a Roma Ursicino, começou a alvoroçar mais que antes; o que obrigou o Imperador a desterrá-lo dois meses depois às Gálias com todos os seus aderentes; e com seu desterro ficaram em paz a Igreja e o Estado.

Ainda que a severidade da disciplina eclesiástica que o santo Papa fazia guardar na Igreja houvesse dado ocasião ao cisma, o Papa não afrouxou em nada de sua justa rigidez, especialmente no tocante à proibição que se havia intimado a todos os eclesiásticos e religiosos de meter-se nas casas das viúvas e nas das donzelas órfãs e de receber algum dom das mulheres que dirigiam. O Imperador havia autorizado esta proibição com um edito, e o santo Papa tinha um grande cuidado de fazê-lo observar sem dispensa.

Por este tempo, isto é, no ano 369 ou 370, juntou São Dâmaso em Roma um concílio de muitos bispos para ver como se havia de socorrer os que haviam caído no arianismo, tanto no Oriente como no Ocidente. Ursácio de Singiduno e Valente de Mursa, dois bispos do Ilírico, hereges declarados, foram condenados no Concílio. O Papa deu notícia desta determinação a Santo Atanásio, que era o açoite dos Arianos e o alvo de seu ódio e de suas inquietações. O santo Patriarca juntou um concílio de noventa bispos em Alexandria e em nome de todos deu graças ao santo Papa por seu zelo e solicitude pastoral: acrescentando-lhe que esperavam que trataria a Auxêncio, bispo ariano e intruso na sé de Milão, como havia tratado a Valente e a Ursácio. Não se enganou em sua esperança; porque, tendo juntado São Dâmaso em Roma um segundo concílio de noventa e três bispos de diferentes países no ano 373, Auxêncio e todos os seus aderentes foram condenados e excomungados; confirmou-se nele a fé de Niceia e tudo o que se havia feito em prejuízo dela na assembleia de Rímini declarou-se por nulo.

Tendo morrido o grande Santo Atanásio no ano 373, Pedro, seu sucessor, lançado de sua sé pelos Arianos, veio refugiar-se em Roma, onde permaneceu quase cinco anos perto do santo Papa. Tendo morrido neste tempo o imperador Valentiniano I, os do partido do antipapa Ursicino renovaram suas turbações em Roma. Os Luciferianos, outros cismáticos desterrados de Roma por um rescrito do falecido Imperador, não deixavam de inquietar e de exercitar o zelo de nosso Santo. Os Donatistas tinham seu partido em Roma; mas São Dâmaso, infatigável em suas funções, tornava inúteis todos os esforços dos inimigos de Jesus Cristo e da paz de sua Igreja. Neste tempo foi quando Santo Optato, bispo de Milevi, publicou sua grande obra contra todos estes cismáticos; na qual, querendo demonstrar a unidade da Igreja pela sucessão continuada dos bispos de Roma,

a qual é o centro desta unidade, faz um catálogo dos Papas, começando por São Pedro e terminando-o em São Dâmaso: O qual é hoje nosso irmão, diz, com quem todo o mundo mantém comunhão, assim como nós, pelo comércio das epístolas ou cartas formadas.

No ano 377 teve o santo Papa um concílio em Roma em que condenou o heresiarca Apolinário e seu discípulo Timóteo, que se portava como bispo de Alexandria, depondo-os a ambos. Até então se havia gloriado falsamente este heresiarca de ter comunhão com o papa São Dâmaso; e não havia herege algum naquele tempo que não afetasse dizer-se unido em comunhão com a Santa Sé. Mas querendo o santo Pontífice impedir que os sedutores surpreendessem a simplicidade dos fiéis, declarou publicamente que os havia separado a todos de sua comunhão e, por conseguinte, da comunhão da Santa Sé. São Jerônimo se alegrou tanto desta resolução que lhe escreveu nestes termos: «Como eu faço profissão, santíssimo Padre, de não seguir a outro capitão que a Jesus Cristo, estou inviolavelmente unido à comunhão de vossa santidade, que é dizer, da cátedra de São Pedro. Sei que a Igreja foi edificada sobre esta pedra; qualquer que come o cordeiro fora desta casa é profano; o que não está dentro da arca de Noé perecerá no dilúvio. Não podendo consultar-vos a toda hora, arrimo-me a vossos irmãos como uma pequena barca aos grandes navios. Não conheço a Vital; rejeito Melécio; não quero saber quem é Paulino; qualquer que não congrega convosco, espalha e dissipa; quero dizer, ao que não está por Jesus Cristo ponho-o no partido do Anticristo. Conjuro-vos que me autorizeis com vossas cartas se devo ou não dizer uma ou três hipóstases; porque uns tomam estes termos por pessoas subsistentes, outros por substância ou natureza. Suplico-vos igualmente que me assinaleis com quem devo comunicar em Antioquia.»

Antes que São Jerônimo houvesse recebido a resposta a esta carta, escreveu outra ao mesmo santo Papa do interior de seu desterro de Cálcis, na qual, representando-lhe o triste estado da igreja de Antioquia, diz-lhe: «Por uma parte vemos os Arianos pujantes com a autoridade do Príncipe que os sustenta; por outra, a Igreja dividida em três partes; cada uma das quais quer atrair-me a si. Os monges que me rodeiam instam-me e atormentam-me para fazer-nos tomar partido. Eu não lhes digo outra coisa senão que sou daquele que esteja unido à cátedra de Pedro. Melécio, Vital e Paulino dizem que estão unidos com Dâmaso; eu poderia crê-lo se um só o dissesse; mas dois deles mentem, e talvez todos três. E assim vos conjuro que me assinaleis por vossas cartas com quem devo comunicar na Síria; e que não menosprezeis uma alma pela qual Jesus Cristo morreu.»

O antipapa Ursicino, ainda que distante, não deixava neste tempo de embrulhar em Roma por meio de seus emissários. Ganhou a um judeu chamado Isaac, o qual teve o atrevimento de caluniar o santo Papa diante do Imperador; mas tendo-se descoberto a calúnia, o judeu foi severamente castigado e desterrado a um lugar da Espanha. Querendo o imperador Teodósio que reinasse em todo o Império a uniformidade da fé de Niceia em toda a sua pureza, fez publicar uma lei em que advertia que somente seriam reputados por católicos os que seguissem a fé que ensinava o papa Dâmaso; que todos os outros seriam tidos por hereges e castigados como inimigos da Igreja e do Estado. O santo Pontífice, cada dia mais solícito em tirar a máscara aos hereges e afastá-los do rebanho de Jesus Cristo, teve um concílio em Aquileia no ano 381, em que condenou a Paládio e a Secundiano, bispos do Ilírico.

Além do cuidado que teve o santo Papa em desterrar todas as heresias de todo o mundo cristão, aplicou-se com o mesmo zelo e com o mesmo fruto a reformar os costumes e a cortar os abusos que se haviam introduzido entre os fiéis. Tendo ido a Roma o heresiarca Prisciliano com seus principais discípulos para justificar-se diante dele, longe de ouvir suas desculpas, não quis nem sequer vê-los. Com o mesmo vigor opôs-se no Senado ao restabelecimento do altar da Vitória, encarregando-se ele mesmo da representação dos senadores cristãos contra a dos senadores pagãos, a qual enviou a Santo Ambrósio, e teve todo o efeito que se havia desejado.

Sua caridade era universal; não houve quem não experimentasse seus efeitos. Para assegurar melhor a paz que havia procurado à Igreja com seu zelo e seus cuidados, juntou em Roma um concílio de muitas províncias do Oriente e Ocidente, no qual se encontraram Santo Ambrósio de Milão, São Valeriano de Aquileia e Santo Ascólio de Tessalônica; e os orientais levaram consigo a São Jerônimo, o qual, cheio de estima e veneração por tão grande Santo, ficou com ele para servir-lhe de secretário e ajudá-lo a responder às consultas que lhe enviavam os concílios de diversas igrejas. O santo Papa já o havia consultado muitas vezes sobre várias questões da Escritura e já o havia empenhado em corrigir a versão latina antiga do Novo Testamento, para torná-la conforme ao grego, por cujo motivo fez uma nova versão latina de todo o antigo sobre o hebraico; e esta é a versão que a Igreja latina adotou depois para o uso público e que se chama Vulgata.

Este grande Pontífice estendeu ainda seu zelo à disciplina eclesiástica, fazendo regulamentos concernentes a ela. Regulou a salmodia e fez que no Ocidente se cantassem os Salmos de Davi segundo a correção dos Setenta, que São Jerônimo havia feito por sua ordem. Edificou duas igrejas em Roma; adornou o sítio onde haviam repousado longo tempo os corpos dos bem-aventurados apóstolos São Pedro e São Paulo, cujo sítio se chama a Platônia. Mandou construir um magnífico batistério, do qual o poeta Prudêncio faz uma bela descrição, e expôs muitos corpos de Santos à veneração pública.

Finalmente, depois de haver vivido oitenta anos e governado a Igreja com tanta prudência e santidade dezoito, morreu com a morte dos Santos no dia 11 de dezembro do ano 384. Sua morte foi seguida de grande número de milagres, que fizeram ver bastante quão preciosa havia sido diante de Deus. Foi enterrado numa das igrejas que havia mandado edificar nas catacumbas no caminho de Árdea. São Jerônimo faz dele um magnífico elogio; chama-o amante da castidade, doutor virgem da Igreja virgem; homem excelente e hábil nas santas Escrituras; e Teodoreto no-lo representa como um Pontífice de uma eminente santidade e um dos maiores e mais santos Papas da Igreja.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Exaudi, Domine, preces nostras; et interveniente beato Damaso, confessore tuo atque pontifice, indulgentiam nobis tribue placatus et pacem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Senhor, ouvi nossas orações e dignai-vos, por vossa bondade, conceder-nos, pela intercessão do bem-aventurado Dâmaso, vosso confessor e pontífice, a indulgência e a paz. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 7,23-27

> **Latim:** 23 Et alii quidem plures facti sunt sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere : 24 hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium. 25 Unde et salvare in perpetuum potest accedentes per semetipsum ad Deum : semper vivens ad interpellandum pro nobis. 26 Talis enim decebat ut nobis esset pontifex, sanctus, innocens, impollutus, segregatus a peccatoribus, et excelsior cælis factus : 27 qui non habet necessitatem quotidie, quemadmodum sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi : hoc enim fecit semel, seipsum offerendo.

Português: 23 E na verdade os outros forão feitos sacerdotes em maior número, por quanto a morte não permittia que durassem: 24 mas este porque permanece para sempre, possue hum sacerdocio eterno. 25 E por isto póde salvar perpetuamente aos que por elle mesmo se chegão a Deos: vivendo sempre para interceder por nós. 26 Porque tal Pontífice convinha que nós tivessemos, santo, inocente, immaculado, segregado dos peccadores, e mais elevado que os ceos: 27 que não tem necessidade, como os outros sacerdotes, de offerecer todos os dias sacrificios, primeiramente pelos seus peccados, depois pelos do povo: porque isto o fez huma vez, offerecendo-se a si mesmo.

Reflexões

Jesus está sempre disposto a salvar os que por ele vão a Deus. Jesus Cristo quer salvar todos os homens; mas é certo que nem todos os homens querem salvar-se com uma vontade sincera e constante. Daqui nasce que o número dos que se salvam é tão curto. Entre cem provas, todas as

mais concludentes e as mais palpáveis, da falta da vontade sincera de salvar-se na maior parte dos homens, uma das menos equívocas é a infeliz inclinação que se tem a aumentar cada dia a malignidade do coração humano, buscando com ânsia e com furor tudo o que envenena a alma. Houve jamais veneno mais ativo e mais mortal que o que se acha espalhado nos livros maus? E que ânsia não se tem por ler estes livros envenenados? Quem não sabe que a leitura dos livros maus é um veneno preparado? Neles se lisonjeia o gosto, tudo é formoso, tudo agrada e, por conseguinte, tudo envenena. Lê-se serenamente o que se teria horror de ouvir contar numa conversação. As paixões mais perigosas se insinuam na alma por meio destas perniciosas leituras; em qualquer outra parte, ainda nas mais perniciosas ocasiões, nas tentações mais violentas, o espírito e o coração podem distrair-se; espantados do perigo, podem pôr-se alerta contra os ardis do inimigo; podem prevenir o golpe, podem ao menos sair da rede por meio da fuga; mas na leitura dos livros maus se vai buscar com toda advertência e deliberação o veneno, bebe-se a pequenos sorvos, mastiga-se, digere-se e converte-se em própria substância. Não é a leitura dos livros maus a arte que encontrou o demônio para deter o coração e o espírito, os quais nunca estão menos distraídos, os quais nunca são mais suscetíveis da paixão, os quais nos livros maus acham sempre novos embevecimentos, novos encantos? Neles não há objeto estranho que distraia; sua leitura deixa a alma nas mãos das paixões. Por mais disfarçado que esteja o vício, tem sempre algo de asqueroso quando se apresenta a nossos olhos; mas os livros o apresentam sempre ao espírito e ao coração tão suave, tão belo, sob uns caracteres tão artificiosos, que não é possível defender-se dele; talvez não tem o demônio artifício mais eficaz para perder as almas que estes livros envenenados. Poucas pessoas há que não tenham naufragado neste escolho. E então, não há no mundo e em nós mesmos bastantes inimigos de nossa salvação sem que vamos buscar outros nos livros? Quantos ardis, quantos artifícios a um mesmo tempo! No princípio não é mais que curiosidade; esta familiariza com o vício um coração a quem o delito inquietaria e assustaria logo; à curiosidade segue-se o gosto, e insensivelmente se acha preso o coração. Os bons livros convertem muitas pessoas; os livros maus pervertem mais. Dar um livro mau é dar um veneno. Quantos se desfazem de um livro mau para fazer maus a um sem-número de pessoas!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,42-47

> **Latim:** [42] Vigilate ergo, quia nescitis qua hora Dominus vester venturus sit. [43] Illud autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias qua hora fur venturus esset, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [44] Ideo et vos estote parati : quia qua nescitis hora Filius hominis venturus est. [45] Quis, putas, est fidelis servus, et prudens, quem constituit dominus suus super familiam suam ut det illis cibum in tempore ? [46] Beatus ille servus, quem cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. [47] Amen dico vobis, quoniam super omnia bona sua

> constituet eum.

Português: [42] Velai pois, porque não sabeis a que hora há de vir vosso Senhor. [43] Mas sabei, que se o pai de familia soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem duvida, e não deixaria minar a sua casa. [44] Por isso estai vós tambem apercebidos: porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem. [45] Quem cres que he o servo fiel e prudente, a quem seu senhor poz sobre a sua familia, para que lhes dé de comer a tempo? [46] Bemaventurado aquelle servo, a quem seu senhor achar nisto occupado quando vier: [47] na verdade vos digo, que elle o constituirá administrador de todos os seus bens.

Meditação

Das más companhias

Primeiro ponto

Considera que as más companhias são o famoso escolho em que a virtude, ainda a mais robusta, padece triste naufrágio; são estas uns emissários do inimigo da salvação que, disfarçando-se, por meio de mil artifícios enganam os servos de Deus e os pervertem. Poucas pessoas deixam de cair nos laços que lhes põem; para evitar o risco, não há outro meio que a fuga. Se não se rompe com estes perniciosos amigos, se não se foge prontamente das más companhias, não há virtude que possa resistir à sedução. E certamente, se há que eleger um amigo, não deve ser este um homem de bem? Um companheiro libertino é sempre nosso maior inimigo. Imitamos facilmente aos que tratamos com frequência; com esta funesta diferença, que o vício faz sempre mais conquistas que a virtude. O mau exemplo é muito mais poderoso para perverter as pessoas virtuosas que o bom exemplo para converter os pecadores. Pasma que não nos desfaçamos das más companhias, sabendo que jamais nos retiramos delas senão menos inocentes. Se é preciso tomar um conselho, se é necessário confiar um depósito considerável, se é necessário fiar um segredo importante, elege-se sempre um homem de uma probidade conhecida. Lançar-se-ia mão de algum daqueles de quem se sabe que têm uma conduta pouco cristã? Dirigir-nos-íamos a um companheiro dissoluto e perdido de costumes? Por que, pois, nos confiamos, nos entregamos nós mesmos a um libertino? Falemos de boa-fé: a amizade sincera, a probidade, digamos também, a ingenuidade, a prudência, a boa-fé, reina nas más companhias? Que homem prudente não se arrepende cedo ou tarde de havê-las frequentado? Quantas pessoas jovens, tão recomendáveis por sua inocência, por sua prudência e por outras mil belas qualidades, se perderam pelas más companhias? Quantos condenados devem sua última desdita à familiaridade que tiveram com os libertinos? Quantos jovens educados nas comunidades religiosas, depois de haver passado os primeiros anos no fervor, na mais terna devoção, e que pareciam dever ser um dia o ornamento de sua Ordem, tiveram um desgraçado fim por se haverem unido com gentes que não lhes davam senão maus exemplos? Pode-se dizer que a salvação depende muito de ordinário da eleição de amigos.

Segundo ponto

Considera que não há tentação mais perigosa que a das más companhias. Bem pode suceder que, com a ajuda da Graça, se resista a primeira vez que se encontre alguém nela; mas, como a volta é voluntária e a elegemos nós, é moralmente impossível que não nos faça cair uma tentação a que nós mesmos acrescentamos forças. Quando as conversações ímpias, libertinas e pouco religiosas estão ainda sustentadas pelo bom exemplo, é dificultoso que um coração, por mais disposto e preparado que esteja para a sedução, seja seduzido e enganado; mas nas más companhias o relaxamento, a indevoção, a própria impiedade entram na alma pelos olhos e pelos ouvidos; e ainda que fosse alguém um Santo feito de milagre, sairia sempre delas, como vemos, menos devoto. Quantas pessoas devem sua condenação às más companhias! Que outro é a origem da maior parte das desditas da gente jovem! Quantos maus sucessos, quantos acidentes adversos não reconhecem outro princípio que as más companhias! Tudo é contagioso nelas. Que horror, que aversão não devera ter um homem de honra, um homem de bom juízo a uma concorrência onde não se encontra pessoa a quem não se deva olhar com sumo desprezo! Que mal não fazem estas pestes às casas religiosas quando se introduzem até naquelas comunidades que por si mesmas são o asilo da virtude! Como os imperfeitos e os inobservantes são sempre mais ousados, mais desavergonhados, mais insolentes, não omitem diligência alguma para ganhar aquelas jovens almas inocentes que não receiam nem temem o laço que se lhes põe. Adulações, louvores, dons: de tudo isto se valem para engrossar sua perniciosa companhia. Com que altanaria dogmatizam! Que zombaria, que burla não fazem da regularidade dos fervorosos, do zelo mesmo dos superiores, das miudezas das Regras! As murmurações, as detrações, as calúnias são a linguagem ordinária destas sociedades pouco observantes e nada religiosas. E pasmar-nos-emos de que tantas pessoas jovens se encontrem pervertidas quase antes de haver advertido o laço!

Divino Salvador meu, inspirai-me um tão grande horror à conversação dos imperfeitos e dos libertinos que jamais me ache em sua companhia.

Jaculatórias

Livrai-me, Senhor, das más companhias, onde sempre reinam a malícia e a iniquidade. (Sl 139.)

Senhor, até aqui me protegestes contra a malignidade das juntas dos libertinos; continuai a fazer-me o mesmo favor até o fim de minha vida. (Sl 62.)

Propósitos

1. As más companhias são a escola de todos os vícios. Não há um libertino que não ensine tudo o que sabe de mau; não há um dos que o escutam que não saia pior de sua conversação. Uma junta de demônios não seria tanto de temer; ao menos ter-se-ia horror a suas máximas e a seus

exemplos, ao passo que nas más companhias de nada se receia. O vício se aprende rindo, o espírito se corrompe, por dizê-lo assim, por honra, e o coração por complacência. Nas más companhias tudo é contágio, tudo é veneno: as almas mais inocentes se familiarizam com o vício. Se há alguma coisa no mundo a que se deva ter horror, é por ventura outra que as más companhias? Tem este horror toda a tua vida; inspira-o a teus filhos e a teus inferiores; e foge delas como dos pecados mais enormes.

2. Coisa estranha! Se há um homem imperfeito, se numa comunidade há uma pessoa pouco regular, esta é de ordinário com quem os jovens especialmente se introduzem logo; seja porque estes imperfeitos têm mais manha para ganhá-los, seja porque sua conversação os sujeita menos e os diverte mais. Pelo que a ti toca, não faças amizade nem tenhas trato senão com os mais perfeitos. Escolhe sempre os que são mais regulares e mais santos e não trates senão o preciso com os outros.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:48 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:48 by Admin